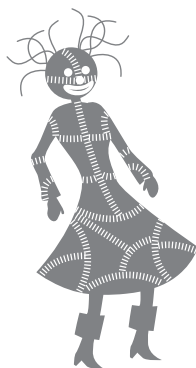


SUMÁRIO

Prólogo.....	9
Ojo e Unc Nunkie.....	11
O Mágico Torto.....	14
A Menina de Retalhos.....	22
A Gata de Vidro.....	29
Um acidente terrível.....	34
A viagem.....	44
O fonógrafo encenqueiro.....	55
A Coruja Tola e o Burro Sábio.....	62
Eles encontram o Zonzo.....	67
O Homem-Farrapo vem para resgatar.....	78
Um bom amigo.....	85
O porco-espinho gigante.....	98
Aparas e o Espantalho.....	106
Ojo infringe a lei.....	118
O prisioneiro de Ozma.....	126
A princesa Dorothy.....	134
Ozma e seus amigos.....	141
Ojo é perdoado.....	146
Encrenca com os tottenhamots.....	154
O Yup cativo.....	164

Hip Saltador, o Campeão.....	172
Os chifrudos brincalhões	179
A paz é declarada.....	187
Ojo encontra o poço escuro.....	195
Eles subornam o quadling preguiçoso.....	198
O Rio do Truque.....	205
A objeção do Homem de Lata	212
O maravilhoso Mágico de Oz	220

*Afetuosamente dedicado a meu jovem amigo
Sumner Hamilton Britton*



PRÓLOGO

Graças ao empenho de Dorothy Gale, do Kansas, mais tarde princesa Dorothy de Oz, um humilde escritor dos Estados Unidos foi indicado como Historiador Real de Oz, com o privilégio de escrever a crônica dessa maravilhosa terra encantada.

Mas depois de escrever seis livros sobre as aventuras dessas interessantes, mas estranhas pessoas que vivem na Terra de Oz, o historiador, com tristeza, tomou conhecimento de que, por meio de um edital da Suprema Soberana, Ozma de Oz, seu país de agora em diante se tornará invisível para todos aqueles que vivem fora de suas fronteiras, e que toda a comunicação com Oz no futuro será cortada.

As crianças, que tinham aprendido a procurar os livros sobre Oz e amavam as histórias do povo alegre e feliz que vivia nesse país privilegiado, ficaram tão tristes quanto o historiador, porque não haveria mais livros com histórias de Oz. Elas escreveram muitas cartas perguntando se o historiador não sabia de alguma aventura para escrever sobre o que tinha acontecido antes de a Terra de Oz ser isolada do restante do mundo. Mas ele não conhecia nenhuma. Finalmente, uma criança

perguntou por que não podíamos ouvir a princesa Dorothy pelo telégrafo sem fio, que poderia possibilitar a ela comunicar ao historiador qualquer coisa que acontecesse na isolada Terra de Oz sem ele precisar vê-la ou sem mesmo saber onde ficava Oz.

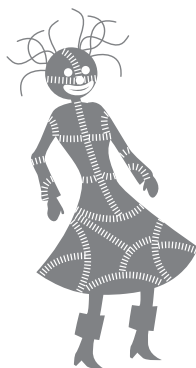
Essa parecia ser uma boa ideia; então, o historiador improvisou uma torre alta em seu quintal, aprendeu a mexer com o telégrafo até compreender bem essa linguagem e começou a chamar a “princesa Dorothy de Oz” enviando mensagens pelo ar.

Agora, não era como se Dorothy pudesse olhar para as mensagens sem fio ou ouvir as mensagens, mas de uma coisa o historiador estava certo: é que a poderosa bruxa Glinda saberia o que ele estava fazendo, e que ele desejava se comunicar com Dorothy. Porque Glinda tinha um livro mágico no qual estavam gravados todos os acontecimentos que ocorriam em qualquer lugar do mundo, bem no momento em que ocorriam, e então, é claro, o livro iria informar-lhe sobre a mensagem sem fio.

E foi dessa maneira que Dorothy soube que o historiador queria falar com ela, e havia um Homem-Farrapo na Terra de Oz que sabia como telegrafar uma resposta sem fio. O resultado foi que o historiador pediu com tanto empenho para ser informado das últimas notícias de Oz e poder escrevê-las para as crianças lerem, que Dorothy pediu permissão a Ozma e ela gentilmente consentiu.

É por isso que, depois de dois longos anos de espera, outra história de Oz é apresentada agora para todas as crianças. Isso não teria sido possível se um homem inteligente não tivesse inventado aparelhos “sem fio”, e se uma criança igualmente inteligente não tivesse sugerido a ideia de alcançar, por esse meio, a misteriosa Terra de Oz.

L. FRANK BAUM
Ozcot, Hollywood,
Califórnia, Estados Unidos



OJO E UNC NUNKIE

– Onde está a manteiga, Unc Nunkie? – perguntou Ojo.

Unc olhou pela janela e alisou sua longa barba. Então virou-se para o menino munchkin e meneou a cabeça.

– Não tem – disse ele.

– Não tem nenhuma manteiga? Isso é péssimo, Unc. Onde está a geleia, então? – perguntou Ojo, subindo em um banco para poder ver todas as prateleiras do armário. Mas Unc Nunkie balançou a cabeça de novo.

– Acabou – disse ele.

– Sem geleia também? E sem bolo... sem geleia... sem maçãs... nada a não ser pão?

– Acabou tudo – disse Unc, novamente alisando a barba enquanto olhava pela janela.

O menininho trouxe o banco e sentou-se ao lado do tio, mastigando o pão seco lentamente e parecendo profundamente pensativo.

– Nada cresce em nosso quintal a não ser pé de pão – refletiu –, e na árvore só há mais dois pães; e ainda não estão maduros. Diga-me, Unc: por que somos tão pobres?

O velho munchkin virou-se e olhou para Ojo. Tinha olhos bondosos, mas fazia tanto tempo que não sorria nem ria que o menino havia esquecido que Unc Nunkie não tinha só aquele olhar solene. E Unc nunca falava mais do que aquilo que era obrigado, de modo que seu pequeno sobrinho, que vivia só com ele, aprendera a entender muita coisa com apenas uma palavra.

– Por que somos tão pobres, Unc? – repetiu o menino.

– Não – disse o velho munchkin.

– Acho que somos – declarou Ojo. – O que é que conseguimos?

– Casa – disse Unc Nunkie.

– Eu sei, mas todo mundo na Terra de Oz tem um lugar para viver.

O que mais, Unc?

– Pão.

– Estou comendo o último pão que está maduro. Ali eu separei sua parte, Unc. Está na mesa, de modo que pode comê-la quando tiver fome. Mas, quando acabar, o que iremos comer, Unc?

O velho mexeu-se na cadeira, mas apenas sacudiu a cabeça.

– Claro – disse Ojo, que era obrigado a falar porque seu tio não falava –, ninguém passa fome na Terra de Oz, também. Há o suficiente para todos, você sabe; só que, se não houver comida onde você estiver, terá que ir onde ela está.

O idoso munchkin remexeu-se de novo e olhou para o pequeno sobrinho, perturbado com o argumento dele.

– Amanhã pela manhã – continuou o menino –, devemos ir aonde houver alguma coisa para comer, senão ficaremos muito famintos e nos tornaremos muito infelizes.

– Aonde? – perguntou Unc.

– Aonde iremos? Não sei, ao certo – replicou Ojo. – Mas você deve saber, Unc. Você deve ter viajado muito, em seu tempo, porque já é bastante velho. Eu não me lembro, porque, desde que consigo me lembrar, a gente tem vivido exatamente aqui nesta casa redonda e solitária, com um

pequeno jardim atrás e o bosque em volta. Tudo o que eu já vi da grande Terra de Oz, querido Unc, é a vista daquela montanha do sul, onde dizem que vivem os cabeças de martelo – que não deixam ninguém passar por lá –, e daquela montanha no norte, onde dizem que não mora ninguém.

– Um – declarou o tio, corrigindo o menino.

– Ah, sim, uma família vive lá, ouvi dizer. É o Mágico Torto, que é chamado de doutor Pipt, e sua mulher, Margolotte. Um ano você me contou sobre eles; acho que você levou o ano inteiro, Unc, para me contar tudo o que acabei de dizer sobre o Mágico Torto e sua mulher. Eles vivem no alto da montanha, e o bom País dos Munchkins, onde crescem frutas e flores, fica logo do outro lado. É engraçado você e eu vivermos aqui sozinhos, no meio da floresta, não é?

– É – disse Unc.

– Então, vamos sair e visitar o País dos Munchkins e seu povo feliz e amável. Eu adoraria ver alguma coisa mais do que árvores, Unc Nunkie.

– Muito pequeno – disse Unc.

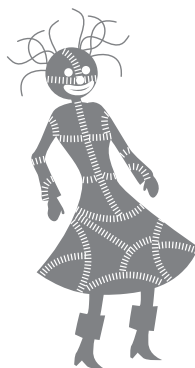
– Ora, eu não sou mais tão pequeno quanto era – respondeu o menino, sério. – Acho que posso andar tão rápido pelos bosques quanto você, Unc. E agora, que nada cresce em nosso quintal que seja bom para comer, precisamos ir aonde existe comida.

Unc Nunkie não deu resposta alguma por algum tempo. Então, fechou a janela e virou sua cadeira para o lado da sala, pois o sol estava se pondo atrás das copas das árvores e estava ficando frio.

Aos poucos, Ojo acendeu o fogo e as toras de lenha começaram a arder na ampla lareira. Os dois sentaram-se junto à lareira por um bom tempo – o velho munchkin, de barba branca, e o menino. Ambos estavam pensativos. Quando já estava quase escuro lá fora, Ojo disse:

– Coma seu pão, Unc, e depois vamos para a cama.

Mas Unc Nunkie não comeu o pão; nem foi direto para a cama. Muito depois que seu pequeno sobrinho caiu no sono, no canto da sala, o velho homem sentou-se ao lado do fogo, pensativo.



O MÁGICO TORTO

Logo ao amanhecer do dia seguinte, Unc Nunkie passou com ternura a mão na cabeça de Ojo e o acordou.

– Vamos – disse ele.

Ojo se vestiu. Colocou meias de seda azuis, calças azuis até os joelhos, com fivela dourada, cintura franzida azul e uma jaqueta azul-brilhante entrelaçada de dourado. Seus sapatos eram de couro azul com os bicos pontudos virados para cima. O chapéu tinha uma coroa pontuda e a aba lisa, e em volta da aba havia uma fileira de sininhos dourados que tilintavam quando ele andava. Essa era a roupa típica dos habitantes do País dos Munchkins, da Terra de Oz, de modo que a roupa de Unc Nunkie era bem parecida com a de seu sobrinho. Em vez de sapatos, o velho usava botas com as bordas viradas, e seu casaco azul tinha mangas de punhos largos, entrelaçados de dourado.

O menino notou que seu tio não tinha comido o pão, e imaginou que o tio não estivesse com fome. Mas Ojo estava faminto, então, partiu o pedaço de pão sobre a mesa e comeu sua metade no café da manhã, acompanhada de água pura da fonte. Unc pôs o outro pedaço